



# Inventário das Fazendas do Vale do Paraíba Fluminense



**Instituto Estadual do Patrimônio Cultural**  
Secretaria de Estado de Cultura - RJ



Parceria:



denominação  
**Fazenda Cachoeira da Alegria**

código  
**AIII - F17 - RF**

localização  
**Rodovia RJ-115 (Taboas-Comércio), 3º distrito de Taboas**

município  
**Rio das Flores**

época de construção  
**século XIX**

estado de conservação  
**detalhamento no corpo da ficha**

uso atual / original  
**residencial / fazenda de café**

proteção existente / proposta  
**nenhuma**

proprietário  
**particular**



fonte: IBGE - Valença



entrada principal da Fazenda Cachoeira da Alegria

coordenador / data **Sônia Rachid - dez 2008**  
equipe **José Roberto Mendes e Marcos Vinicius Silva Gomes**  
histórico **Adriano Novaes**

revisão  
**Coordenação técnica do projeto**

Partindo de Taboas, 3º distrito de Rio das Flores, pela rodovia RJ 115, para as localidades de Comércio / Sebastião de Lacerda, percorre-se aproximadamente 12 km em estrada de terra, no antigo leito da Estrada de Ferro Rio das Flores, até ao desvio indicado para a fazenda. Prossegue-se por mais 7 km de estrada em condições precárias, com acentuado aclive, cuja altitude permite observar um extenso horizonte de topografia irregular, constituído de um “mar de morros”, com a cobertura rala dos pastos e esparsos grotões com remanescentes da Mata Atlântica, indicando uma área rica em nascentes (f01).

No final da estrada, passando por uma porteira, avista-se, por entre um arvoredado esparso, o copado das palmeiras imperiais e a lateral da casa-sede (f02).

O caminho atual para a fazenda tem acesso pelos fundos da casa-grande (f03). No quintal, forração de mato ralo, com frondosas mangueiras e árvores de médio porte, mantendo próximas, a casa de colono e uma pocilga transformada em galinheiro. Além do limite da cerca, plantações de milho e abóbora.

Seguindo a estrada, adiante poucos metros, passa-se por outra porteira que se abre para uma grande área plana com gramado de pasto, paralela à lateral esquerda da casa, provável localização da antiga senzala, sendo este o acesso principal, chegando-se ao jardim frontal (f04).



01



02



03



04

À direita do grande largo, um caminho paralelo ao ribeirão permite avistar, na margem esquerda, o moinho de milho desativado, que durante uma época produziu energia para a fazenda. Esse caminho era a antiga estrada para Comércio, por onde se escoava o café em tropa de burros para ser exportado.

A fazenda situa-se num vale (f05), cercada por morros do tipo meia-laranja, sem apresentar nenhum resquício da exuberante mata de outrora em seu limite imediato. Sua construção apresenta formato de “L”, com a perna mais longa perpendicular a fachada principal, pela esquerda. Um ribeirão com leito entre barrancos acompanha sua lateral direita e a parte frontal da vivenda.

Uma ponte em madeira com estrutura em pedra lavrada (f06), localizada exatamente no alinhamento do eixo de simetria da fachada principal, permite o acesso ao jardim frontal, a antiga tulha e a um grande largo coberto pela capoeira, onde deduz-se ter sido o antigo terreiro de secagem de café (f07).



05



06



07

Apesar de não haver vestígios das outras edificações componentes do antigo quadrilátero funcional, vale citar o valioso relato sobre o rico complexo rural da fazenda cafeeira do século XIX, feito pelo desembargador Vieira Ferreira, em 1945, que descreve a Fazenda Cachoeira da Alegria com os olhos de quem viveu o seu tempo áureo, já que era neto do português Mateus Gomes do Val, que edificou a casa-sede e a administrou até sua morte.

*“A senzala tinha a forma de um Z cujos ângulos alternos internos fossem retos. Paralela em parte à frente da casa e ao ribeirão, quebrava a sua direção numa esquina e num canto, em contínuo paralelismo com o lado esquerdo e os fundos da casa grande”.*

*“Nessa construção, que fazia ângulo reto com a porteira e a cavalaria, estava primeiro um depósito de cangalhas, surrões, arreatas, cabrestos, a coirama com que se aparelhava a tropa de muarens empregada nos primeiros tempos no transporte do café para o porto de Iguazu pela estrada do Comércio.”*

*“Entre a primeira parte da senzala e o ribeirão o terreno era gramado, como na frente da casa, e cochos alinhavam-se nas proximidades do ribeirão, uns baixos, para o gado vacum, e outros altos, para os animais de montaria e bestas de carga.”*

*“Junto ao ribeirão, defronte do depósito de cangalhas, ficava um tendal com a serraria. Uma serra manual com cabos nas extremidades aguardava ali para partir em fatias os toros cortados nas florestas mais próximas”.*

*“Do outro lado do ribeirão, num terreno plano dividido latitudinalmente por motas paralelas, estendia-se a área em que se secava o café em cereja. O chão, sem cimento, era de terra socada.”*

*“As outras construções com que funcionava na fazenda a industriosa transformação das colheitas em produtos consumíveis ou vendáveis, qual era o café, elevavam-se abaixo de uma represa erguida sobre a cachoeira, de onde a água do ribeirão se derivava para mover o engenho de mandioca, o de café e o moinho de milho, este já perto dos limites da fazenda.”*

*“Era por uma porteira no morro que se entrava na fazenda e começava nela um tapume de bambus plantado para separar da lavoura o gado miúdo e o graúdo.”*

*“Essa tapagem descia o morro acompanhando a estrada e, atravessando o córrego, o margeava até encontrar o ribeirão perto de outra porteira por onde se chegava à casa.”*

*“Uma alameda de palmeiras imperiais atravessava o arroio por uma ponte pouco acima de sua confluência com o ribeirão, havendo outra ponte sobre o mesmo arroio na rua, que ia da parreira para o laranjal à margem esquerda”.*

*“O vale depois das palmeiras imperiais tinha plantações de figueiras e marmeleiros e no sopé do morro, depois da grande parreira, um arvoredado de jaboticabas brancas, muito inferiores às outras. Não se comparavam com as pretas de pele fina das outras jaboticabeiras.”*

*“Além da ponte, na parte mais baixa do vale, o arroio banhava uma grande horta, que alinhava seus canteiros até perto de uma cascata, onde uma calha cavada em tronco de palmeira despejava água abundante para os banhos ao ar livre naquele canto aprazível.”*

Os registros literários nos permitem reconstituir a localização das edificações ao redor da casa-sede e são suficientes para concluir que se tratava de um modelo de implantação de um quadrilátero funcional aberto.

Nas laterais da ante-sala da casa-sede, que se destaca com sua leveza à frente da fachada frontal, revelam-se antigos canteiros (f08). No entanto, uma confusa mistura de ornamentais, compromete os vistosos arbustos de palmeira-sagu, com duas touceiras da popular *Areca bambu* remanescentes, obstruindo a visão do conjunto arquitetônico, somando-se a uma seqüência de palmeiras exóticas *Cocos nocifera* (coco da Bahia), também inadequadas ao contexto.

Na lateral direita, antes do ribeirão, situam-se o pomar – praticamente abandonado, com oferta de jaboticaba, pitanga, carambola, sapoti, abiu, conde, jambo, cabeludinha, bananas e goiabas – bem como um agrupamento de palmeiras imperiais ainda jovens, dispostas desordenadamente, sem nenhuma intenção paisagística (09). Destacam-se na ambiência do conjunto as altivas palmeiras imperiais, quiçá centenárias, situadas na outra margem do riacho, no meio do capoeirão (f10).



08



09



10

A edificação está assentada sobre um porão baixo, possuindo várias gateiras para ventilação, sendo que, através das visitas, observamos a alvenaria de embasamento em pedra com estrutura em madeira. Os barrotes visíveis estão em bom estado de conservação e há contra barrotes com escoramento de colunas em alvenaria (f11). A construção, com estado de conservação regular, possui gaiola estrutural em madeira (pilares, barrotes, frechais e madres), fechada por pau-a-pique, com pé direito de 4m, sendo observadas nas áreas de serviço, paredes mistas com tijolo maciço (f12). A prospecção não pôde ser realizada. Portanto, a avaliação foi feita mediante exposição da estrutura de madeira e de áreas aparentes sem argamassa de revestimento.

A fachada principal se caracteriza por uma ante-sala, constituída por uma bela varanda envidraçada, destacando seu volume do corpo central da casa, cujo acesso se dá por uma escada em semicírculo, de pedra lavrada, com bocéis arredondados (f13).

Marcando a composição do tramo central, a grande porta principal em arco pleno – ladeada por janelas contíguas de mesma tipologia – é complementada, em cada tramo secundário, por duas esquadrias com vergas e sobrevergas retas (f14).



11



12



13



14

O avarandado tem esquadrias de madeira em verga reta na cor azul, mantendo bandeiras em leque com arco pleno, guarnecidas por guilhotinas de caixilhos brancos, recebendo, nas vergas e peitoris, arremates de barras decorativas em denticulos (f15), separadas por cercaduras com capitel de moldura, compondo, com os cunhais almofadados e decorados por rosetas (f16), uma fachada de exceção.

Adentrando a ante-sala pela porta principal – com suas 12 janelas geminadas: seis frontais e três em cada lateral – a beleza e singeleza do espaço causa impacto e se completa com o forro em saia e camisa pintado em azul e branco, formando uma singular rosácea radiante central da qual pende um lustre em ferro rendilhado (f17).

A luminosidade do espaço – dada pela transparência das esquadrias em profusão – traz para o interior a paisagem dos morros, do jardim, do ribeirão e da tulha (f18) e, em conjunto com as cores suaves, transforma



15



16



17



18

esse ambiente num ponto de destaque da casa-sede.

A sala de visitas, contígua à ante-sala, com abertura por três portas almofadadas com caixilhos envidraçados – na cor azul na face voltada para o avarandado e, na face posterior, com postigos na cor areia arrematadas por bandeiras em vidro –, apresenta um forro com frisos em rica composição geométrica (f19). Abre-se, esta sala, para dois quartos de cada lado, sendo que o primeiro à esquerda foi adaptado para a capela que, desativada, está sem imagens e adornos, apresentando paredes em azul e um altar em madeira que obstrui a janela lateral e é ladeado por dois painéis azulejados, com referência religiosa (f20).

Vieira Ferreira cita que um altar em madeira, com imagens e paramentos, era guardado num dos quartos próximos à área de serviço desta fazenda e, nas ocasiões festivas, o ritual religioso era realizado com o mesmo montado na sala de visitas, defronte da porta central da ante-sala, com os escravos posicionados pela escada e ante-sala e os convidados no grande salão.

Da sala de visitas passa-se à sala de jantar, tendo a sua direita um banheiro azulejado (f21) e um quarto. À esquerda há outro quarto, sem ventilação, com banheiro em assoalho de madeira, que complementam a base do “L” que formata a construção. Estes quartos sofreram intervenção com a inclusão dos banheiros e comunicam-se com os outros dois, que se voltam para a sala de visitas.

Um corredor avarandado, com piso em ladrilho hidráulico, dá acesso ao jardim através de uma porta de madeira com folhas almofadadas no terço inferior e caixilhos de vidro. Antecedendo-a, externamente, foi adaptado portão em ferro fundido que garante escada com degraus, corrimão e arranques em pedra lavrada (f22).



19



20



21



22

A pequena cozinha contígua mantém despensa e possui evidências de ter tido o seu espaço seccionado por uma parede de tijolo maciço, que alterou o corredor original, criando um vão de passagem estreita, sem porta, para o *hall* que se formou a seguir. Sua porta-janela de madeira, voltada ao jardim, possui, também, um portão externo em ferro fundido que se abre para uma escada de cimento, existindo a possibilidade desse vão não ser original (f23).

Mais cinco quartos ficam à esquerda do longo corredor, abrindo suas janelas para o largo gramado, espaço provável da antiga senzala (f24). O segundo deles tem, também, acesso externo pela alameda, através de uma escada com corrimão e arranques em pedra lavrada, sendo guarnecido por uma porta de folhas almofadadas no seu terço inferior, que é encimada por caixilhos em vidro com postigos (f25). Este quarto, não usual, interliga-se a dois quartos seguintes por portas internas (f26).

Ao final do corredor, a inclusão de um banheiro dividiu o espaço original em dois *halls*. Além deles há cozinha, duas despensas e o acesso em escada de pedra lavrada para o varandão externo. Essa varanda fica ao nível do chão, com o telhado em uma água, encachorrado e de ponto mais baixo, que define sua separação do corpo da casa formando uma empena sustentada por colunas de alvenaria. Possui um tanque em tijolo maciço e intervenções como a construção de um banheiro junto à escada e gradil à meia altura, que contorna todo o espaço. Em suas paredes, painéis em azulejos pintados fazem alusão às estações do ano (f27).



23



24



25



26



27

As portas internas da casa-sede têm bandeira em caixilhos de vidro, com duas folhas cegas na cor areia, molduras em tom salmão e paredes na cor palha, com barrado branco e friso em vinho, na mesma cor do rodapé (f28).

O assoalho em tabuado de madeira com junta cega reveste a maioria dos cômodos, porém, no quarto que tem acesso direto ao exterior, na cozinha, no corredor e no *hall*, este foi substituído por ladrilhos hidráulicos ou cerâmicos.

As fachadas laterais têm o beiral com cimalha em madeira e os cunhais emoldurados e ornamentados com rosetas de esmerado acabamento, apresentando todos os vãos, esquadrias em verga reta com sobrevergas na cor azul, sendo as janelas guarnecidas externamente por guilhotinas em caixilhos de vidro na cor branca e, internamente, vedadas por folhas em madeira cega, em azul na face externa e areia na interna (f29).

O telhado foi recentemente reformado, mantendo a cobertura com capas antigas e bicas em telhas coloniais novas. A tesoura de linha alta, tradicional das fazendas de café, marca a composição elegante do casarão assobradado (f30).

Todo o forro da casa é do tipo saia-e-camisa, com treliça na pequena cozinha e telha vã nas despensas, *hall*, cozinha e varandão de serviço.

A casa-sede é circundada por uma calçada de pedra lavrada, com alguns trechos substituídos por pedra de curral, conjugando canteiros de ornamentais (f31).

Do interior da ante-sala avista-se, à esquerda, a antiga tulha (f32), constituída por um único bloco retangular, alteado por um porão com embasamento em pedra lavrada que se nivela ao chão, no final da construção. Apresenta alvenaria em pau-a-pique, caiada de branco, com esquadrias de vergas retas em azul, assim como o beiral e os cunhais, além de escadas em pedra lavrada, sendo o telhado com beiral encachorrado. A estrutura abriga animais e sofreu adaptações para moradia (f33).

Contíguo à tulha, o tosco curral aberto, com embasamento e piso em pedras lavradas, mantém cobertura em duas águas com capa e bica apoiada em esteios de madeira (f34) e, no meio da capoeira, há um poço de banhar animais desativado.

Não foi possível o acesso ao antigo moinho: além do matagal do entorno, há presença de animais peçonhentos.



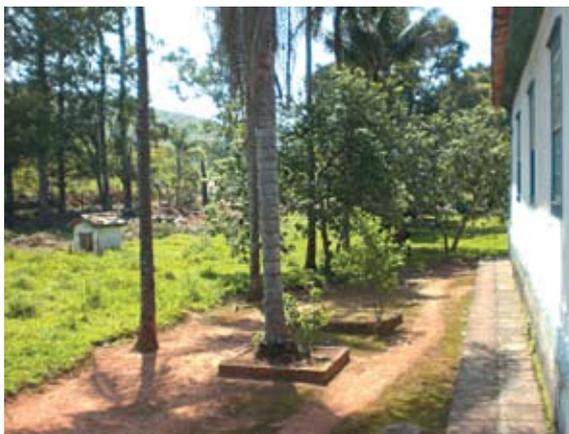
28



29



30



31



32



33



34

A casa-sede sendo ocupada parcialmente. Apenas os três últimos quartos, o banheiro, a cozinha e a varanda de fundos são usados pela família do colono.

Apesar da reforma do telhado, observamos que certos trechos dos beirais apresentam falhas e telhas quebradas, ocasionando infiltrações (f35).

O beiral em cimalha, com pintura desbotada pelo tempo atesta, em vários pontos, avançado processo de degradação (f36)

As esquadrias externas estão sem a pintura adequada à sua proteção, o que expõe a madeira às intempéries. Na fachada frontal, observa-se a deterioração do caixilho da porta e dos frisos denticulados do peitoril (f37).

As paredes externas, caiadas de branco, apresentam trincas e recalques. Na fachada lateral, o frechal existente na altura do corredor e cozinha está flambado (f38). O embasamento que contorna o casarão está quase todo comprometido pela pulverulência e por fissuras, havendo trechos com desprendimento do emboço (f39).



35



36



37



38



39

No período das águas o ribeirão transborda, alagando o porão e conseqüentemente comprometendo o madeiramento estrutural, a alvenaria de terra e os cunhais em madeira, estes com visíveis sinais de descolamento da parede (f40). Abunda a presença de manchas e limo provocados pela infiltração ascendente (f41). Na ante-sala as paredes com vedação de pau-a-pique deixam à mostra o elemento construtivo, pelo descolamento do emboço de argamassa de terra, areia e cal (f42). Nota-se a presença de fissuras e trincas na parte superior das paredes dos quartos e os recalques que as motivaram podem ter sido decorrentes do apodrecimento dos barrotes. A degradação da alvenaria ocorre pela ação de infiltração ascendente e descendente (f43 e f45).



41



42



39



44



45

O assoalho em tabuado de madeira com junta cega está em bom estado, com desnivelamento em alguns pontos devido, provavelmente, a recalque dos barrotes, apresentando, entretanto, frestas, deterioração por ação de insetos xilófagos (cupins), fungos, além de apodrecimento em decorrência de infiltrações, existente também nos rodapés (f46 e f47).

As instalações elétricas são aparentes, correndo junto às paredes e aos rodapés dos cômodos (f48). Dois quartos possuem instalação hidráulica para pia, sendo que uma está desativada. Os acabamentos são em painel azulejado.

Os forros originais apresentam estado regular de conservação, com a ação de cupins e inúmeros pontos com apodrecimento por infiltração descendente, principalmente junto às paredes externas (f49).

O banheiro lateral à sala de jantar, espaço adaptado com piso e revestimento contemporâneos, revela trincas e recalques.

O piso de ladrilho hidráulico do corredor avarandado (f50) e o de ladrilho cerâmico da cozinha contígua possuem recalque junto às paredes e abaulamento no centro. O quarto lateral, que teve seu assoalho substituído por ladrilho cerâmico, mostra desgaste com afundamento nas laterais (f51). Na espaçosa cozinha e despensas, o piso cimentado está em bom estado (f52) e, no varandão, está esburacado, alcançando o contra piso (f53).

Nas despensas e *hall* anexo pode-se constatar, com a ausência de forro, o madeiramento em parte conservado e as instalações elétricas sem proteção por eletrodutos (f54). Na cozinha, o frechal e a empena de pau-a-pique estão comprometidos, com o apodrecimento e a ação de cupins (f55).

Uma robusta palmeira imperial, que cresce junto à edificação, com o tempo, certamente contribuirá para danificar a estrutura e a cobertura do casarão (f56).

A tulha, com estrutura em pau-a-pique, está em adiantado estado de deterioração, apresentando trincas e recalques. Suas esquadrias estão muito degradadas pelo tempo (f57) e seu telhado apresenta em alguns trechos afundamento da cobertura, além de telhas quebradas (f58).

O curral encontra-se em estado precário, fato evidenciado pelo telhado, que já tem parte da sua estrutura desabada (f59).



46



47



48



49



50



51



52



53



54



55



56



58



57

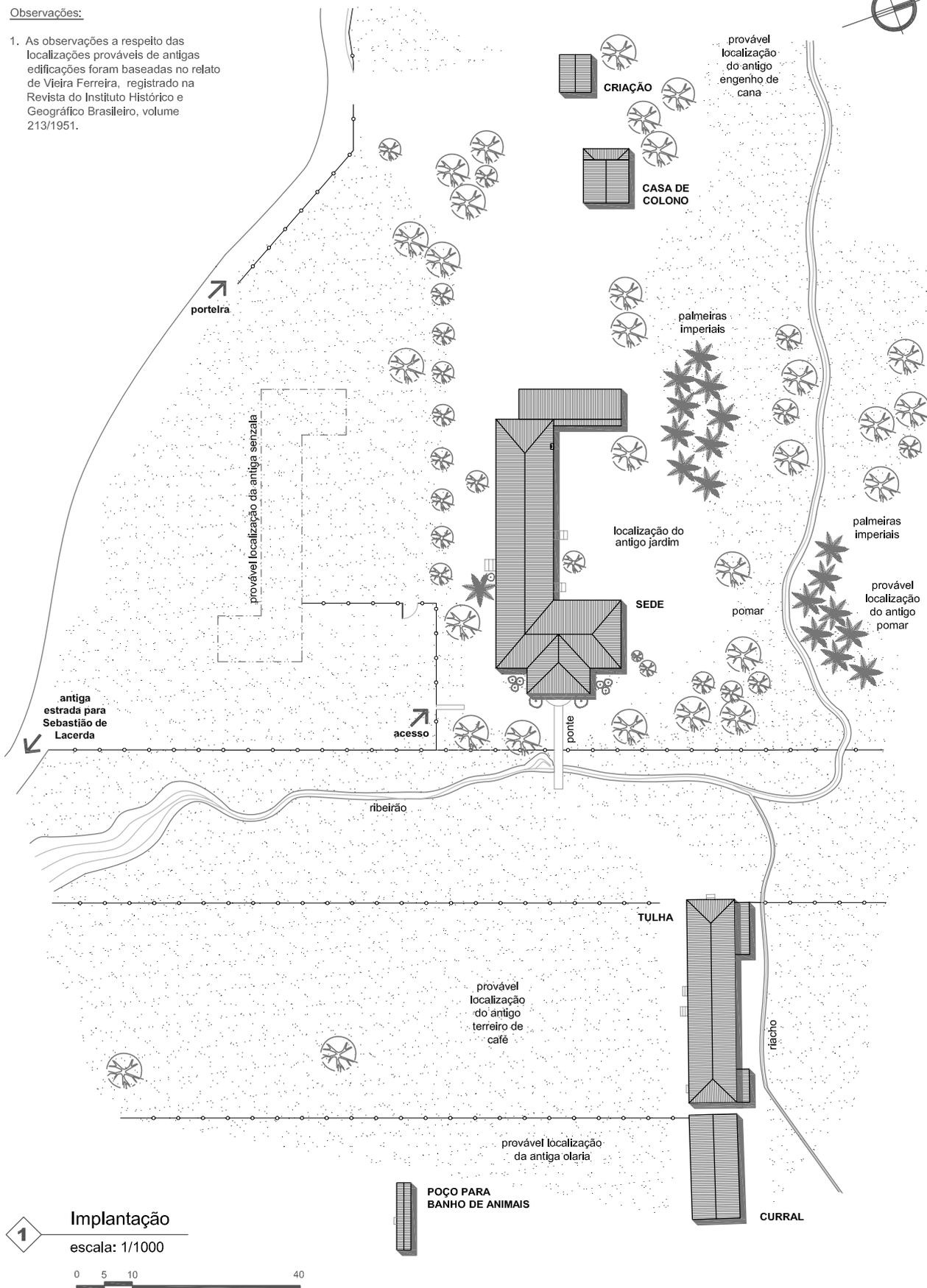


59

## FAZENDA CACHOEIRA DA ALEGRIA

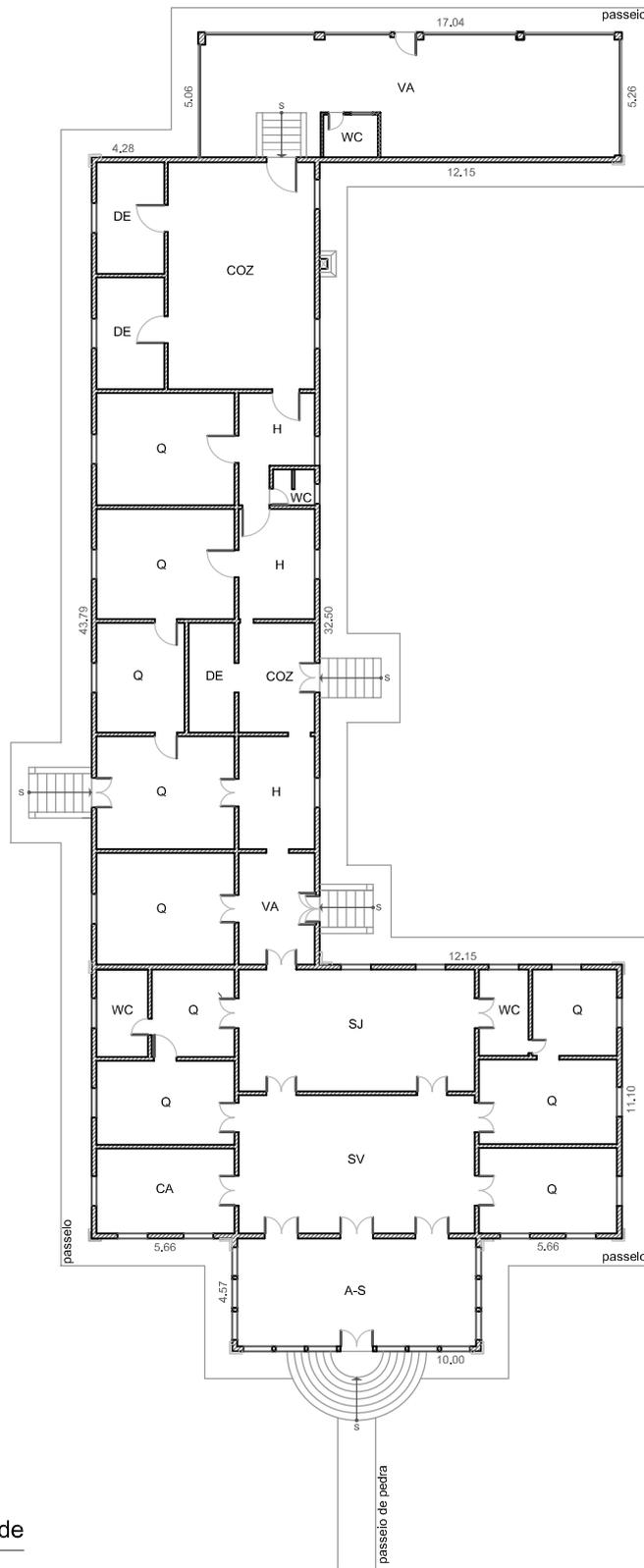
**Observações:**

1. As observações a respeito das localizações prováveis de antigas edificações foram baseadas no relato de Vieira Ferreira, registrado na Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, volume 213/1951.



**1** Implantação  
escala: 1/1000

**FAZENDA CACHOEIRA DA ALEGRIA**



**1** Planta Baixa da Sede

escala: 1/300



A-S - ante-sala    COZ - cozinha    H - hall    SJ - sala de jantar    VA - varanda  
 CA - capela    DE - despensa    Q - quarto    SV - sala de visita    WC - banheiro

——— alvenaria existente  
 - - - - - alvenaria demolida

A Fazenda Cachoeira da Alegria teve origem nas terras da sesmaria concedida pela Coroa Portuguesa a João Batista Soares de Meireles, em 1802. Em 1804, o pedido foi confirmado pelo então príncipe regente, Dom João. Em 1812, foi pedida a medição e a demarcação das terras, cujo processo só foi concluído em 1817.

João Batista Soares de Meireles, em sua sesmaria, fundou, por volta de 1826, a Fazenda São João Batista, que mais tarde teve seu nome mudado para Santa Maria.

Meireles casou-se com D. Joana Leonisia, por quem jurara amor eterno, e desta união nasceram três filhos: Thereza de Jesus Maria Soares de Medeiros, que veio a se casar com Matheus Gomes do Val; José Estanislau e João Batista. Depois de sua viuvez, Meireles tornou-se padre, passando a ser conhecido como “Padre Mestre”.

Após a morte de Padre Mestre, ocorrida em 1849, as terras da sesmaria de São João Batista, com área de meia légua em quadra (225 alq.), foram divididas em duas partes. João ficou com a Fazenda São João Batista e o genro, Matheus Gomes do Val, com as terras que deram origem à Fazenda da Cachoeira Alegria, seu primitivo nome. Por volta de 1850, Matheus construiu a sede e demais edificações que formavam a unidade de produção da fazenda.

Implantada em uma várzea, a sede de fazenda se destaca entre as demais construídas ao longo do século no Vale do Paraíba, pela originalidade e raridade de sua varanda. Localizada na entrada da casa, tem-se acesso a ela por uma escada com degraus em pedra lavrada em forma de leque. Toda envidraçada, com janelas contíguas em arco pleno, a varanda permite uma visão ampla da área fronteira à casa.

Em 1890, morre o senhor Matheus Gomes do Val e, no ano seguinte, sua esposa D. Thereza. A fazenda passa, então, às mãos de seu filho, José Gomes do Val (FERREIRA, 1951, P 202-328).

Durante o século XX, Cachoeira teve vários proprietários. Em 1920 pertencia a Francisco Monteiro Soares e, em 1935, a João C. da Cunha Afonso. Em 1939, a fazenda foi adquirida pelo Dr. Hisbello Florentino Correa de Mello de Cleyton Lemos de Orlando e sua esposa<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup>informações fornecidas pela historiadora Leila Vilela Alegria.